
MONUMENTO E GENEALOGIA: NOTAS SOBRE MICHEL FOUCAULT

LOPES, Rodrigo Touso Dias¹

RESUMO: Este texto tem a intenção de apresentar, inserido numa rápida biografia de Michel Foucault, os conceitos de monumento e genealogia. Para tanto, a análise parte de os contextos de produção desses conceitos, durante as décadas de sessenta e setenta, demonstrando a ordem de preocupações maiores que ocupavam o pensador naqueles períodos, quais sejam, os entendimentos de como as ciências se constroem e, posteriormente, o porquê dessa ocorrência, sempre baseado na idéia de que as relações de poder são determinantes para o entendimento dessas questões. Os resultados das duas inquietações culminaram com a criação de duas de suas maiores obras, as quais são, Arqueologia do saber e Microfísica do poder. Por fim, ao rever algumas preocupações de Foucault, a intenção é de novamente levantar as suas inquietações, propondo uma rápida introdução ao seu modo de análise.

Palavras-Chave: Biografia de Michel Foucault. Apresentação dos conceitos de monumento e genealogia.

SUMMARY: This text has the intent of introduce, insert in a quick biography of Michel Foucault, the concepts of monument and genealogy. To do so, the analysis starts on the contexts of production of these concepts, during the sixties and seventies, demonstraing the order of major the worries the occupied the philosopher in those years, such aas the understandings of how the relations of power are built and lately the why of this occurrence, always based on the idea that the relations of power are determinants for the understanding of these questions. The results of these inquietudes culminated in the creation of this two major's masterpieces, Archeology of Knowledge and Microphysics of Power. Finally, in verifying some Foucault's worries, the intention is to once again raise his inquietudes, proponing a quick introduction on his analyzing way.

Keywords: Michel Foucault's biography. Introduction of the concepts of monument and genealogy.

INTRODUÇÃO

Não é tarefa das mais simples, tampouco das menos empolgantes, a busca pela análise biográfica de um pensador tão abrangente e relevante para o pensamento do século passado como Michel Foucault, pois, assim como a luz de sua intelectualidade é brilhante, a sombra de sua personalidade é imensa. Digo “sombra de sua personalidade” no sentido de que, quando me propus a examinar, ainda que rapidamente, sua biografia, não imaginava me deparar com tamanha controvérsia. Da “mitologia foucaultiana” de Didier Eribon, do “santo

¹ Mestrando em História. Universidade Estadual Paulista – UNESP. Franca-SP>

Foucault” de David Halpern, deo homem que tomou “sua própria estupidez por inteligência” ou do “epígono de Hitler”, ambas inversões de gravidade citadas por Gilles Deleuze (mas que fique muito claro, *a priori*, a distância que separa essas citações da concordância de Deleuze com essas palavras), até chegamos às raias do mais alto refinamento intelectual com José Guilherme Merquior, corrigindo a tribo endeusadora de Foucault como foucauldiana, a impressão que temos é a de que pro muitos autores, em lugares e tempos diferentes (principalmente após 1984), existiram muitas dezenas de Foucaults, cada qual, obviamente, passível de uma compreensão completa, de uma análise profunda e verdadeira ou de um entendimento absoluto.

No entanto, essas tentativas que tendem ao universal parecem produzir um efeito drasticamente inverso: nelas o intelectual obstinado, o homossexual, o louco, o escritor compulsivo, o suicida e o soropositivo se separam e se fragmentam, nos dando a impressão de que, efetivamente, não eram a mesma pessoa. Eribon, contudo, me pareceu uma feliz exceção. A preocupação com este texto não é a de apresentar, portanto, um autor completo, acabado. Nem poderíamos fazê-lo, em primeiro lugar pela nossa falta de envergadura para tal, e, em segundo lugar, porque sua obra permanece aberta, sujeita ainda a muitas discussões, o que de modo algum é um defeito. O fato de existirem controvérsias a respeito da validade de seus textos, de seus acertos e confusões, depois de vinte anos de seu falecimento, apenas comprova a importância desse autor. O que estamos procurando demonstrar, aqui, são os momentos biográficos nos quais duas importantes questões conceituais da obra de Foucault foram trazidas à luz e postas à baila, de que forma e porquê.

Este trabalho apóia-se, em sua parte biográfica, em duas obras de Didier Eribon, quais sejam Michel Foucault(1926-1984), escrita em 1989, e sua obra de revista Michel Foucault e seus contemporâneos, de 1994. Já as análises conceituais se pautarão em duas obras de síntese sobre dois momentos distintos das preocupações intelectuais de Foucault: sobre o conceito do documento utilizamos principalmente a obra A Arqueologia do saber, de 1969, que faz a síntese e é a passagem a um novo tipo de indagação que marcou a produção de Foucault na década de setenta, da qual trataremos adiante. Durante a década de sessenta, obras como História da loucura (1961), Nascimento da clínica (1963), As palavras e as coisas (1966) e finalmente A arqueologia do saber (1969) trataram do aparecimento dos saberes, fizeram a arqueologia dos saberes, ou seja, preocuparam-se sobre como os saberes se

constituíam, se relacionavam e se transformavam; numa expressão, as preocupações disseram respeito às condições de possibilidade internas ao aparecimento das ciências.

Já a partir da década de setenta, obras como *A ordem do discurso* (aula inaugural ministrada em 02 de dezembro de 1970 no Collège de France), *Vigiar e punir* (1975), *A vontade de saber* (1976) e *Microfísica do poder* (1979- dez anos após a *Arqueologia do saber*), marcam o deslocamento das preocupações de Foucault da arqueologia dos saberes para a genealogia dos saberes – e é na *Microfísica do poder* que encontramos o conceito de genealogia, o qual utilizamos, ainda que previamente e superficialmente. Dessa forma, com a passagem da arqueologia para a genealogia, ocorrida na década de setenta, a preocupação de Foucault se desloca de como os saberes são produzidos para por que os saberes são produzidos. Desloca-se das condições de possibilidade internas para as condições de possibilidade externas.

O que se busca com esse pequeno trabalho não é apresentar alguns método imediatamente aplicáveis ou conceitos concretos e invariáveis que possuam a pretensão de em tudo caber ou tudo abarcar, não. O que se busca é apresentar, baseado nas pistas deixadas por Foucault e retomadas por seus interlocutores, um pequeno conjunto de idéias, de conceitos que deverão formar, antes de mais nada e apenas a quem se interessar, um modo de pensar. Para além, que ele sirva como uma rápida introdução sobre Foucault a partir de dois de seus conceitos mais conhecidos, e possa despertar, também, a curiosidade necessária para o conhecimento de tão interessante objeto.

Georges Canguilhem, citado muito oportunamente por Didier Eribon, já havia dito com propriedade que “um precursor é alguém sobre o qual se sabe, posteriormente, que veio antes”. Esse parece bem ser o caso de Foucault. Nascido em Poitiers, na França, em 15 de outubro de 1926, segundo de três filhos, carregava também a marca da tradição familiar: o avô chamou-se Paul Foucault; seu pai, Paul Foucault. No entanto, sua mãe colocou o dedo naquela tradição familiar – e apenas os precursores merecem essa distinção, poderão dizer alguns – e inseriu um hífen acompanhado de Michel ao tradicional Paul. Nascia, então, Paul-Michel Foucault.

Em 1945, o ainda jovem Foucault tentava ingressar na Escola Normal Superior francesa, mas foi reprovado. Eribon, leitura obrigatória sobre a biografia de Foucault, faz um levantamento inclusive das notas que ele recebe nesse período, e considera a guerra mundial, principalmente após o desembarque, em junho de 1944, o principal fator que desorienta e conturba os estudos de Foucault durante o período de 1944-1945.

Por culpa do destino ou da História, mas principalmente em função dessa reprovação, Foucault acabou indo estudar no Liceu, onde foi aluno de Jean Hyppolite, importante filósofo que trabalhava o hegelianismo na França. Seu próximo passo foi estudar, finalmente, a partir de 1946, na Escola Normal Superior da França, onde ingressou em quarto lugar entre apenas dezenove vagas possíveis. Ali conheceu e manteve contatos com destacados intelectuais que se tornariam também célebres, como Pierre Bourdieu, Jean-Paul Sartre e Paul Veyne, entre outros. Porém, esse período foi também um dos mais conturbados e infelizes na vida de Foucault, inclusive com algumas tentativas de suicídio durante o ano de 1948, e por isso acabou sendo levado por seu pai a internar-se no hospital Sainte-Anne, onde foi clinicado pelo Dr. Delay, psiquiatra francês. Nas palavras de Eribon, esse foi o “primeiro contato com a instituição psiquiátrica. Primeira aproximação também dessa linha instável que, talvez menos radicalmente que se julga, separa o “louco” do “equilibrado”, o doente mental do são espírito”.

Apesar desses descaminhos, seu gênio não é vencido e Foucault consegue receber sua Licenciatura em Filosofia. Em 1949, recebe também sua Licenciatura em Psicologia e seu Diploma em Estudos Superiores de Filosofia, com uma tese sobre Hegel, influenciada e sob a orientação do pensamento do filósofo e professor Jean Hyppolite. Um ano depois, em 1950, Foucault adere, por influência de Althusser e por viver, ele também, o clima geral da necessidade de escolher um campo, imposto pela guerra fria, ao Partido Comunista Francês, mas permaneceu ligado a ele por pouco tempo, em função de algumas desavenças políticas (principalmente no que diz respeito à sua atuação estudantil) e de “intromissões” pessoais (principalmente pro culpa de sua homossexualidade não velada, criticada pelos comunistas) que o partido fazia na vida de seus participantes.

Mesmo lecionando, Foucault não interrompe sua formação. Cada vez mais interessado pela ciência psicológica, obtém em 1952 um diploma de psicologia patológica, ministrada, entre outros, pelo Dr. Delay, o mesmo médico que, quatro anos antes, tratou de sua suposta loucura. Aproximado de Jacqueline Verdeaux pro amizade familiar, Foucault encontra nela e em seu marido grandes interlocutores para suas preocupações teóricas psicológicas. Já o casal, que acabara de montar no sótão do hospital Sainte-Anne um laboratório experimental de eletroencefalografia, encontra um parceiro em Foucault.

Mas não é só isso. Por intermédio de Jacqueline, Foucault entra contato com Ludwing Binswanger, psiquiatra alemão de quem Foucault traduziu para o francês o artigo *O sonho e a existência*, em 1954, além de escrever o prefácio que, é maior do que a obra. Também na década de 1950, evidencia-se a afinidade de Foucault pelas artes. Podemos observá-lo estudando o surrealismo, por exemplo, em 1952 e René Char em 1953 (a quem cita no prefácio da tradução de Binswanger).

Publicou *Doença Mental e Psicologia* em 1954, mas foi *História da Loucura na Idade Clássica*, em 1961, sua tese equivalente ao doutorado na Sorbonne, que se afirmou como filósofo. Beste livro, analisou as práticas dos séculos XVII e XVIII, que levaram à exclusão do convívio social dos homens considerados “desprovidos de razão”. Foucault preferia ser chamado, nessa tarefa, de arqueólogo, dedicado à reconstituição do que de mais profundo existe numa cultura – arqueólogo do silêncio imposto ao louco, arqueólogo da visão médica com o *Nascimento da Clínica* (1963), arqueólogo das ciências humanas, com *As Palavras e as Coisas* (1966), enfim, arqueólogo do saber em geral, com *A Arqueologia do Saber* (1969). Começa, então, a fase mais produtiva, no sentido acadêmico, da vida de Foucault. Fase esta que vai até o final da década de 1970 e que foi marcada por um deslocamento na ordem de suas preocupações intelectuais. Em 1971, Foucault assume a cadeira que havia sido ocupada pelo seu mestre, Jean Hyppolite, na disciplina *História dos Sistemas de Pensamento*. A aula inaugural de Foucault nessa cadeira foi a famosa *Ordem do discurso*.

Vigiar e Punir (1975) é um amplo estudo sobre a disciplina na sociedade moderna que, para Foucault, é uma técnica de produção de corpos dóceis, mais que uma técnica de agressão ou repressão. Foucault analisou os processos disciplinares empregados nas prisões, considerando-os exemplos da imposição, às pessoas, de padrões “normais” de conduta estabelecidas pelas ciências sociais. A partir desse trabalho, explicitou-se a importante noção de que as formas de pensamento são também relações de poder, que implicam a coerção e a imposição. Assim, é possível lutar contra a dominação representada por certos padrões de pensamento e de comportamento, sendo, no entanto, impossível escapar completamente a todas e quaisquer relações de poder, pois elas residem no seio das relações sociais.

História da Sexualidade, seu último grande projeto, ficou, infelizmente, inacabado. Nele Foucault pretendeu demonstrar como a sociedade ocidental fez do sexo um instrumento de poder, não por meio da repressão, mas da expressão. O primeiro dos seis volumes anunciados foi publicado em 1976 sob o título *A Vontade de Saber* (1976) e despertou duras críticas. Em 1984, pouco antes de falecer, publicou mais dois outros volumes, rompendo um silêncio de oito anos, com *O uso dos prazeres*, em que analisou a sexualidade na Grécia Antiga, e *O cuidado de Si*, no qual tratou de Roma nos dois primeiros séculos do Cristianismo.

Foucault teve vários contatos com o exterior e por algumas vezes esteve também no Brasil, onde realizou conferências e firmou amizades como a de Roberto Machado, organizador e tradutor de várias obras de Foucault no Brasil, como a *Microfísica do Poder*. Pronunciou por aqui importantes conferências, como *A verdade e as formas jurídicas*, revalorizada na PUC do Rio de Janeiro. Os Estados Unidos, por sua vez, também atraíram Foucault, mas as razões diferentes: pela liberdade intelectual que pôde desfrutar entre os seus pares americanos e os estrangeiros que por lá residiam, e principalmente em função da cidade de São Francisco, local onde pôde vivenciar algumas experiências marcantes no que diz respeito à sua sexualidade. Em junho de 1984, no entanto, pro culpa de complicadores provocados pelo vírus da Aids, Foucault teve septicemia e isso provocou sua morte por supuração cerebral.

Foucault preocupou-se sempre mais com as discontinuidades do que com as continuidades, no âmbito das análises históricas. No entanto, antes de entrar efetivamente na questão, Foucault desconstruiu todo um jogo de relações que são, ao mesmo tempo, superficiais e consagradas. Trata-se das noções de tradição, de influência, de desenvolvimento, de evolução, de mentalidade e de espírito. Segundo Foucault, “é preciso pôr em questão, novamente, essas sínteses acabadas, esses agrupamentos que, nas maioria das vezes, são aceitos antes de qualquer exame, esses laços cuja validade é reconhecida desde o início; é preciso desalojar essa formas e essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homens”.

Encarar os discursos como unidades passíveis de serem desvinculadas de seus conjuntos consagrados (como o discurso médico, psiquiátrico, econômico, enfim) exige minúcia e, acima de tudo, um comportamento muitas vezes estranho ao trabalho de análise

histórica, pois geralmente o trabalho do historiador é justamente a procura por aquelas unidades que transformam a massa documental em algo que o pesquisador está mais acostumado a encontrar, em algo que transfere o discurso histórico em um solo mais firme onde o pesquisador possa equilibrar-se. Foucault, no entanto, prosseguirá de maneira diversa. Diz ele: “Eu mesmo, de minha parte, nada farei senão: certamente tomarei por marco inicial unidades inteiramente formadas (como a psicopatologia, ou a medicina, ou a economia política); mas não me colocarei no interior dessas unidades duvidosas para estudar-lhes a configuração interna ou as secretas contradições. Não me apoiarei nelas senão o tempo necessário para me perguntar que unidades formam; com que direito podem reivindicar um domínio que as especifique no espaço e uma continuidade que as individualize no tempo; segundo, que as leis se formam; sobre o pano de fundo de que acontecimentos discursivos elas recortam; e se, finalmente, não são, em sua individualidade aceita e quase institucional, o efeito de superfície de unidades mais consistentes.”

Essa paisagem mostra bem que, nesse momento, a preocupação de Foucault está em determinar como surgiram áreas de saber determinadas, ou melhor, auto-determinadas. Assim, podemos colocar a questão das condições de possibilidade internas na produção dos discursos, questão presente em todas as suas obras da década de sessenta, desde a *História da Loucura* (1961), onde as preocupações foram as condições de possibilidade da psiquiatria, passando pelo *Nascimento da clínica*, de 1963, sobre as condições de possibilidade do surgimento da medicina moderna, em contraposição à medicina clássica, pela *As palavras e as coisas*, de 1966, que amplia a discussão para as condições de possibilidade das ciências humanas, até chegar à obra de síntese dessa discussão, *A arqueologia do saber*, de 1969.

O conceito de monumento refere-se a essa postura arqueológica em relação aos discursos. Se o pesquisador fará o papel de um arqueólogo do saber sobre os discursos – se ele vai procurar em seu subsolo, no não-dito, no ignorado e no sagrado, as unidades profundas que possam desconstruir os chamados efeitos de superfície; numa inversão direta de denominações, os discursos, os documentos, serão tomados enquanto monumentos. Porém, dizer isto ainda não é o bastante. Ser encarado como monumento significa dizer que o discurso (o documento) será passível de ser desmontado em busca de unidades coerentes menores que possam, estas sim, nos facultar possibilidades finitas de construções mentais

referentes ao período sobre o qual nos debruçamos. Ou seja, ser um discurso desmontável que não precise respeitar uma unidade serial externa para ser compreendido, mas que traga em si elementos com os quais construir uma nova série.

Já o conceito de genealogia surge na obra de Foucault no início dos anos setenta e remete a um tipo de preocupação que passa a rondá-lo a partir de então, qual seja, a questão de desvendar o porquê de os saberes surgirem, obedecendo a quais relações de poder e enfrentando quais outras. Que fique claro, portanto, que para o autor, as relações de saber são definidas como relações de poder, as quais podem ser obedecidas ou combatidas, mas nunca ignoradas. Nas palavras de Roberto Machado, “é essa análise do porquê dos saberes, que pretende explicar sua existência e suas transformações situando-o como peça de relações de poder ou incluindo-o em um disposto político, que em uma terminologia nietzscheana Foucault chamará genealogia.”

A preocupação com a busca por um ponto de filiação imerso na descontinuidade, com o rigor que permite encontrar, depois de atravessar o caminho no qual se vêem as transformações e apropriações que as palavras sofrem com o tempo, não uma origem vazia brilhante, mas uma persistência escondida muitas vezes envergonhada, parece-me a preocupação de Foucault nesse momento e, de fato, o conceito de genealogia atravessa esse tortuoso caminho. Ou, como disse Foucault, “a genealogia é cinza”. Essa genealogia, portanto, não deve ser confundida com a procura pelas origens. As origens não se estabelecem encontrando o que de mais puro há no começo de algo, como se, retirados todos os véus, o que saísse não fosse mais que sujeira, e dessa forma poderíamos encontrar algo completamente limpo, inalterado e reluzente. “Gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em seu estado de perfeição; que elas saíram brilhantes das mãos do criador, ou a luz sem sombra da primeira manhã”. Ao contrário, ensina Foucault, “o começo histórico é baixo”.

É da busca meticulosa, cuidadosa, culta, por vezes inútil, de rastros, de continuidades em meios às descontinuidades, desvendando relações antes não imaginadas, que a genealogia se encarrega. Para quê? Ora, se já dissemos que a preocupação de Foucault se estabelece nesse momento sobre a questão do poder e principalmente sobre as relações de poder (porque Foucault considera que o poder em si não existe, senão apenas como uma forma de relação, estabelece-se somente enquanto forma de relações entre

indivíduos, grupos, Estados, discursos [...], então a genealogia deve ser o modo privilegiado de desvendar essas relações em suas origens mais profundas. Em outras palavras, ao invés de ser a busca pelas origens, a genealogia é o modo de decodificar as relações de poder que se estabelecem nas origens. É a isso que serve a genealogia. Como escreveu Foucault, “Fazer a genealogia dos valores, da moral, do ascetismo, do conhecimento não será, portanto, partir em busca de sua origem, negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história; será, ao contrário, se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos; prestar uma atenção escrupulosa à sua derrisória maldade; esperar vê-los surgir, máscaras enfim retiradas, com o rosto do outro; não ter pudor de ir procurá-las lá onde elas

Escavando os basfonds; deixar-lhes o tempo de elevar-se do labirinto onde nenhuma verdade estão, escavando os basfonds; deixar-lhes o tempo de elevar-se do labirinto onde nenhuma verdade se manteve jamais sob sua guarda”.

Entendida como forma de decodificação de relações de poder, a genealogia não pode se esquivar a participar, ela também, desse jogo de relações de poder. Deve servir de arma nessa batalha pela imposição de discursos que se querem científicos e autênticos. Penso que Foucault encontra essa utilidade mais claramente com Genealogia e poder, quando diz que “são os efeitos de poder próprios a um discurso considerado como científico que a genealogia deve entender”. No entanto, numa inversão simples, não há que se pensar que as genealógicas “reivindiquem o direito lírico à ignorância ou ao não-saber, não que se trate de recusa de saber ou de ativar ou ressaltar os prestígios de uma experiência imediata não ainda captada pelo saber”.

Pelo contrário, antes disso, “trata-se da insurreição dos saberes, não tanto contra os conteúdos, os métodos e os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizados que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa”. E é aqui que a genealogia não poderá ser considerada uma atividade de erudição inútil, como um aglomerado de quase lá que nunca chegam, como pesquisas intermináveis.

O propósito da análise genealógica é dado pelas relações de poder que procura determinar, é posto pelas ciências (ou pelos agrupamentos de discursos que se querem ciência) que abarca durante a análise. Não é, dessa forma, uma busca em linha reta o que

fará a genealogia. Antes, penso que, trabalhando com círculos circunscritos, onde o objetivo está sempre no alvo, e, ao redor dele, de forma crescente, as esferas que o inscrevem (política, econômica, religiosa, cultural [...], pode-se empreender com mais sorte uma busca genealógica).

“Cada um tem sua maneira de mudar, ou, o que dá o mesmo, de perceber que tudo muda [...]. Minha maneira de não ser mais é, por definição, a parte mais singular daquilo que sou”. Ao fim deste rápido trabalho, talvez possamos perceber que a maioria das preocupações de Foucault tiveram suas origens em experiências pessoais, seja os estudos sobre a loucura (pois foi considerado louco em algum tempo), seja sobre os lugares dos discursos, seja sobre a sexualidade. Entendido como um intelectual engajado ou como um grande espelho catalisador dos conflitos de seu tempo, Foucault está, sem dúvida, se transformando, hoje em dia, numa sumidade. O que é pelo menos perigoso. Referência do movimento homossexual sem levantar uma bandeira, ícone metodológico sem escrever uma obra sobre a metodologia do trabalho científico, Foucault transformou-se no que, pelo menos abertamente, não quis. Resta saber no que foi que ele quis [...].

Por fim, resta o esclarecimento de que os instrumentos mentais que aqui quisemos apresentar, também, não nos foram apresentados como fórmulas ou receitas, ou seja, isto não foi uma preocupação de Michel Foucault em suas obras; aliás, o que transpira de sua obra é uma certa medida de prazer pela confusão, ou melhor, por suscitar a confusão, como quem não veio para explicar, mas para confundir. Como já dissemos, o que aqui foi sumariamente apresentado deve ser, antes, encarado como um modo de se admitir a construção histórica e com ela se relacionar.

REFERÊNCIAS

DELUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ERIBON, D. **Michel Foucault (1926-1984)**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

_____. **Michel Foucault e seus contemporâneos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. Genealogia e poder. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MACHADO, R. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.